

# As novas sensibilidades: entre urbanias e cidadanias<sup>1</sup>

■ JESÚS MARTÍN-BARBERO \*

## RESUMO

Experiência do espaço em sua temporalidade histórica como forma de proposição teórica das novas espacialidades e territorialidades.

**Palavras-chave:** espaço, experiência, tempo, imaginação

## ABSTRACT

Experience of the space in its historical temporality as a form of theoretical proposal of the new spacialities and territorialities.

**Key words:** space, experience, time, imagination

\* Professor na Universidade Javeriana de Bogotá e autor de, entre outros, *Dos meios às mediações*.

Traduzido por  
RICHARD ROMANCINI

1. Programa de curso a ser ministrado na ECA-USP e na ECO-UFRJ no segundo semestre de 2008.

## I. Formas do espaço

### INTRODUÇÃO: Os novos sentidos da experiência espacial

Da «hegemonia do tempo» sobre a «experiência do espaço»: a hegemonia da percepção do tempo sobre a do espaço se manifesta desde fins do século XVIII até meados do XX tanto na filosofia quanto nas ciências sociais. E tem sido contemporânea a experiência de «des-locamento» que sofremos em muitos planos diversos e que nos está exigindo pensar a «densidade do espacial» pois, como afirma Foucault: “o mundo é experimentado já menos como uma grande vida que se desenvolve no tempo e mais como uma rede que une pontos e entrecruza sua meada”.

Crítica do dualismo «espaço/território»: necessidade de romper com a visão ainda imperante que opõe dualisticamente a territorialidade à espacialidade, introduzindo o debate sobre novos modos de pensar as relações entre espacialidades e territorialidades no plural. E isso mediante o destaque dos processos-chave que nos serviram de orientação e que hoje nos «des-orientam» desafiando a percepção, a sensorialidade e a racionalidade a partir daquele dualismo que aparecia como horizonte unificado – e unificador – da experiência e do conhecimento.

### 1. O ESPAÇO HABITADO OU A «PÁTRIA-MÃE» (MÁTRIA)

**1.1.** Lugar do «corpo», e conseqüentemente «cavidade», «nicho», «ninho», «casa». Que é o modo primordial como o corpo «habita o mundo», e como o corpo se percebe a si mesmo, o «corpo próprio».

**1.2.** Matriz do «território», que é a «marca» com que se protege a tribo e se demarca o «terreno» de seu trabalho e sua sobrevivência. Para marcar o território os animais urinam e os homens cercam com marcos de barro ou pedra ou ferro.

**1.3.** Enclave do «tempo», porém não o do relógio mas sim o «tempo que faz», ou seja, o do «clima», e sobretudo o «tempo que acontece», ou seja, o «ritmo» primordial dos astros e estações. Será no «ritmo» – o espaço «tocado» pelo tempo – onde os gregos encontraram a chave da «harmonia das esferas», do cosmos, e depois os renascentistas, a «linguagem do universo».

### 2. O ESPAÇO IMAGINADO OU O «PAÍS-MÁTRIA» (PÁTRIA)

**2.1.** Primeiro espaço moderno: o «da nação», cujos dispositivos de formação histórica são ao mesmo tempo dispositivos da identidade – as «fronteiras» que o demarcam como território e os relatos – imprensa, novela e cinema – que o narram como lugar de uma «comunidade».

**2.2.** Organizado num estado e legitimado pelo «patrimônio» – relicário, letrado, monumental – a nação se autopercebe e se faz reconhecer como enclave da moderna «identidade».

### 3. O ESPAÇO PRODUZIDO OU A «FÁTRIA»

**3.1.** «Des-dobrado» nas comunicações: dotado de forma de caminhos, calçadas, estradas (incluindo atalhos e labirintos), rodovias ou redes cibernéticas, de máquinas (quadriga, trirreme, bússola, imprensa, canhão, telégrafo, tanque, telefone, rádio, míssil, televisão, internet, ou de veículos: carro, carruagem, automóvel, ferrovia, avião, satélite).

**3.2.** Situado nos «imaginários»: do «universo» à idéia de «um universal humano», do moderno e sociológico «continente» ao tardo-moderno e filosófico «arquipélago», da imagem do «mundo» ao imaginário do «globo».

**3.3.** Mobilizado pelas «redes»: de «velocidades» que comprimem o espaço pelo tempo; de «fluxos» que des-materializam o espaço ao mesmo tempo em que possibilitam a interação multívoca e a distância; de *ciborgs* que des-corporizam o sujeito hibridizando o anjo com a máquina.

### 4. O ESPAÇO PRATICADO

#### 4.1. Urbanias

**4.1.1.** Novos modos de estar juntos: massas, tribos, bandos, gangues, guetos, comunitarismos étnicos, religiosos, de gênero, etc.

**4.1.2.** Trajetórias e entrecruzamentos: migrantes, deslocados, exilados, estrangeiros, párias, e também índios, negros, turcos, judeus, mulheres, gays, homossexuais, prostitutas, travestis, vagabundos, lumpen, etc.

**4.1.3.** Palimpsestos e hipertextos: muralismos diversos, «rockerias» múltiplas, esoterismos, santerias, orientalismos, «rapperias», performances, etc.

#### 4.2. Cidaniais

**4.2.1.** Heterogeneidades: o projeto de «formar a cidade» com memórias locais e utopias universais.

**4.2.2.** Reinvenções: o projeto de «fazer política» passa pelo movimento que leva da representação ao reconhecimento passando pela participação e a autogestão.

**4.2.3.** Intermedialidades: o projeto de «re-criar a cidade» com oralidades indígenas, corporalidades negras, textualidades eruditas e visualidades digitais.

## II. Figuras da sensibilidade

### 1. NARRATIVAS DE OUTRA TEMPORALIDADE

**1.1.** A «temporalidade» moderna é aquela na qual a dinâmica e o peso da história se encontravam inteiramente voltados para o futuro em detrimento do passado. Em contraposição à mirada romântica que, já desde o século XVIII, buscava recuperar e preservar o que a modernidade tornava irremediavelmente obsoleto – nas línguas e músicas, nos relatos e objetos – o olhar ilustrado legitima a destruição do passado como empecilho, e faz da novidade a única fonte de legitimidade cultural. Porém nos inícios do século XX W. Benjamin assinalou pioneiramente o buraco negro que sugava essa temporalidade: “A representação de um progresso do gênero humano na história é inseparável da representação da continuação desta ao largo de um tempo homogêneo e vazio”. E é a experiência desse “tempo homogêneo e vazio” a que G. Vattimo revela agora como a própria da sociedade tardo-moderna: a do progresso convertido em rotina, pois a renovação permanente e incessante das coisas, dos produtos, das mercadorias, é “fisiologicamente exigida para assegurar a pura e simples sobrevivência do sistema. A novidade nada tem agora de revolucionário nem agitador”. Estamos ante um progresso vazio cuja «realidade» se confunde com a aparência de mudança que as imagens produzem. Daí que, seguindo Heidegger quando fala de ligação da técnica, com «um mundo que se constitui em imagens», Vattimo afirma que “o sentido em que se move a tecnologia já não é tanto o domínio da natureza pelas máquinas, mas sim o desenvolvimento específico da informação e a comunicação do mundo como «imagem»”.

**1.2.** A perturbação do sentimento histórico se torna ainda mais evidente em uma «contemporaneidade» que confunde os tempos e que achata sobre a «simultaneidade» do atual, e seu culto ao presente, “um presente concebido sob a forma de ‘golpes’ sucessivos sem relação histórica entre eles. Um presente autista, que crê poder bastar-se a si mesmo” (N. Lechner). Contemporaneidade fabricada em grande medida pelos meios de comunicação que se alimentam especialmente do «debilitamento do passado», da «bricolage» dos tempos que nos familiarizam com qualquer outro tempo sem esforço, arrancando dele as complexidades e ambigüidades de sua época. E tudo isso mediante uma compressão do presente, que transforma o tempo extensivo da história no intensivo do «instantâneo» e alcança sua plenitude na simultaneidade que instaura, mediante a «tomada direta» entre acontecimento e sua imagem. E «custoso» como nenhum outro, o tempo da televisão faz da descontinuidade a chave de sua sintaxe e de sua rentabilidade, pois a «fragmentação» é o que permite aos diferentes textos serem integrados na estrutura geral da programação.

O videoclipe publicitário ou o musical condensam o modelo da cena e o ritmo televisivos. Porém o que anula o ritmo e compõe a cena é o «fluxo»: esse *continuum* de imagens que indiferencia os programas e constitui a «forma» da tela ligada. O «fluxo» instaura a diluição dos gêneros e a exaltação expressiva do efêmero. Hoje o fluxo televisivo contém a metáfora mais «real» do fim dos grandes relatos, pela equivalência de todos os discursos – informação, drama, publicidade, educação, musical, concurso –, a interpenetrabilidade de todos os gêneros – tragédia, melodrama, aventura, comédia – e a transformação do efêmero em proposta estética. Uma proposta baseada na exaltação do instável e difuso, da carência de clausura e da indeterminação temporal.

## 2. SENTIDOS DA TECNICIDADE

### 2.1. O novo lugar da técnica na sociedade

**2.1.1.** O «lugar» da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica deixa de ser meramente instrumental para tornar-se espessa, densificar-se e converter-se em estrutural. A tecnologia remete hoje não apenas a novos aparatos, como também a novos modos de «percepção» e de «linguagem», a novas sensibilidades e escrituras. Radicalizando a experiência de desancoragem produzida pela modernidade, a tecnologia deslocaliza os saberes modificando tanto o estatuto cognitivo quanto o institucional das “condições do saber e as figuras da razão” (Chartron), o que está conduzindo a uma forte diluição das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, natureza e artifício, arte e ciência, saber experto e experiência profana (Castells).

### 2.2. A técnica: novas figuras da razão

**2.2.1.** A verdadeira «questão» que nos coloca a técnica é, segundo Heidegger, a de sua essência, já que a “essência da técnica não é algo técnico”, isto é, não pertence à ordem do instrumento. Seguindo a linha proveniente de Husserl, Heidegger afirma que a técnica tem uma razão, uma racionalidade própria, pois “enquanto produção, a técnica é um modo de revelamento, de desocultação”. Afirmar que a essência da técnica se encontra “no revelar que existe no produzir” vai exigir de Heidegger uma detalhada crítica da noção aristotélica de «causa» (eficiente e final) para tornar compreensível que a essência da técnica está não no fazer nem no manipular mas sim no «produzir» que é uma dimensão crucial do existir humano enquanto «ser-aqui». O produzir se constitui então no divisor de águas, pois é ali onde se desoculta a dimensão humana do inovar, do fazer existir o novo, porém é também onde reside o maior perigo, que é esse de «esquecer». Esquecer o quê? «Esquecer-se» de que a verdade da existência humana não se esgota no saber que vem da técnica pois há outro saber mais primordial que é o «saber-do» ser.

### 2. 3. Visibilidade social e visibilidade cultural

**2.3.1.** As novas relações entre a ciência e a técnica constituem um desafio radical ao racionalismo ilustrado que segue opondo toda «imagem» procedente do mundo do visível à «verdade» do mundo do inteligível quando o que nos apresenta a mutação tecnológica hoje é uma «episteme distinta»: aquela na qual as relações entre o sensível e o inteligível, entre o visível e o pensável, não são de oposição mas de interação: «séries de interfaces» que possibilitam novas arquiteturas de linguagens e saberes. Com o computador não estamos diante da tradicional relação de um corpo e uma máquina, relação dedicada à economia da força muscular ou à repetição infinita da mesma tarefa, mas sim ante uma nova figura da razão, a «liga de cérebro e informação». E, portanto, ante novas figuras da própria corporeidade.

## III. Estéticas da experimentação criativa

**1.** Um dos espaços em que se torna mais visível «a crise» da modernidade é o novo campo de tensões entre tradição e inovação, entre a grande arte e as culturas do povo e de massa. Pois esse campo não pode ser imediatamente analisado com as «categorias centrais» da modernidade – progresso/reação, universal/particular, vanguarda/*kitsch*, próprio/estrangeiro – e nos está remetendo a uma sensibilidade e a uma experiência social difusa e oscilante, híbrida e fragmentada que não responde nem à autenticidade nem à novidade da experiência moderna.

**2.** Nos últimos anos, a “vertigem geral da aceleração” (Virilio), ao confundir a compulsão das experimentações estéticas com a exaltação do efêmero e descartável, produz uma estetização crescente da vida cotidiana que borra não apenas a aura da arte mas os limites que a distanciam do puro “êxtase da forma na infinita proliferação de suas variações” (Baudrillard).

**3.** O que tínhamos por arte sofre uma profunda mutação quando a conectividade e a virtualidade põem em questão a «excepcionalidade» de seus objetos (as obras) e borram a «singularidade» do artista deslocando os eixos da estética até as interações e os acontecimentos. Em alguma medida, até os museus são tocados pela com-fusão que afeta o *valor* dos objetos e o sentido das práticas artísticas. Porém o que se trata agora não é do acesso virtual aos museus – ou de museus na *web*, mas “da arte que se faz a partir, com e para a *web*, da *net-art*, da arte em uma rede de oficinas abertas” (P. Robert), e sobretudo da densa e fecunda cumplicidade entre «experimentação» técnica e estética.

**BIBLIOGRAFIA****I. FORMAS DO ESPAÇO****1. O ESPAÇO HABITADO OU A «PÁTRIA-MÃE» (MÁTRIA)**

- DE CERTEAU, Michel (1980). *L'invention du quotidien*. Vol.1: Arts de faire. Paris : U.G.E.
- \_\_\_\_\_ GIRARDI, Luce & MAYOL, Pierre (1994). *L'invention du quotidien*. Vol. 2 : Habiter,cuisiner. Paris : Gallimard-Folio.
- HEIDEGGER, Martin (1987). *Construir, habitar, pensar*. Córdoba: Alción.
- PEDRAZA, Zandra (1999). *En cuerpo y alma*. Bogotá: Uniandes.
- SENNET , Richard (1997). *Carne y piedra: el cuerpo y la ciudad en la civilización occidental*. Madrid: Alianza.

**2. O ESPAÇO IMAGINADO OU O «PAÍS-MÁTRIA» (PÁTRIA)**

- ANDERSON, Benedict (1985). *Comunidades imaginadas*. México: F.C.E.
- BHABHA, Homi (ed) (1990). *Nation and Narration*. London: Routledge.
- GRIMSON, Alejandro (comp.) (2000). *Fronteras, naciones e identidades*. Buenos Aires: Ciccus/La Crujía.
- MONSIVÁIS, Carlos (1981). *Notas sobre el Estado, la cultura nacional y las culturas populares*. In: *Cuadernos políticos N° 30*. México.
- VV.AA (1998). De espacios y lugares: preocupaciones e ocupaciones. In: *Archipiélago* n° 34. Madrid.

**3. O ESPAÇO PRODUZIDO OU A «FÁTRIA»**

- CASTRO NOGUEIRA, Luis (1997). *La risa del espacio*. Madrid: Tecnos.
- GIRALDO, Fabio & VIVIESCAS, Fernando (coord.) (1996). *Pensar la ciudad*. Bogotá: Tercer Mundo.
- ORTIZ, Renato (1998). *Otro territorio. Ensayos sobre el mundo contemporáneo*. Bogotá: C.A.B.
- SANTOS, Milton (1996). *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_ (2004). *Por otra globalización*. Bogotá: CAB.
- SERRES, Michel (1995). *Atlas*. Madrid: Cátedra.
- VIRILIO, Paul (1996). *El arte del motor*. Buenos Aires: Manantial.

**4. O ESPAÇO PRATICADO**

- CASTELLS, Manuel (1983). *La ciudad y las masas*. Madrid: Alianza.
- \_\_\_\_\_ (1997). La sociedad-red. Vol. 1 de *La era de la Información*. Madrid: Alianza
- \_\_\_\_\_ (1998). El poder de la identidad. Vol. 2 de *La era de la información*. Madrid: Alianza.
- FERRAROTI, Franco (1995). *Homo sentiens. La rinascita della comunità dallo spirito della nova musica*. Napoles: Liguore.
- MAFFESOLI, Michel (1990). *El tiempo de las tribus*. Barcelona: Icaria.
- \_\_\_\_\_ (1997). *Du nomadisme. Vababondages initiatiques*. Paris: L.G.F.
- MONSIVAIS, Carlos (1998). *Los rituales del caos*. México: Era.
- PÉRGOLIS, Juan Carlos (1998). *Bogotá fragmentada*. Bogotá: Tercer Mundo.

REGUILLO, Rossana (1991). *En la calle otra vez. Las Bandas: identidad urbana y usos de la comunicación*. México: Iteso, Guadalajara.

\_\_\_\_\_ (2000). *Estrategias del desencanto. Emergencia de culturas juveniles*. Buenos Aires: Norma.

SARLO, Beatriz (1993). *Escenas de la vida postmoderna*. Buenos Aires: Ariel.

SILVA, Armando (1992). *Imaginarios urbanos*. Bogotá: Tercer Mundo.

## II. FIGURAS DA SENSIBILIDADE

### 1. NARRATIVAS DE OUTRA TEMPORALIDADE

BENJAMIN, Walter (1982). Tesis de filosofía de la historia. In: *Discursos interrumpidos I*. Madrid: Taurus.

HUYSEN, Andreas (1996). *Memorias do modernismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

\_\_\_\_\_ (2002). *En busca del futuro perdido*. México: F.C.E.

LECHNER, Norbert (1995). *América Latina: la visión de los cientistas sociales*. In: *Nueva sociedad* nº 139. Caracas.

RICHARD, Nelly (1998). Políticas de la memoria y técnicas del olvido. In: *Resíduos y metáforas. Ensayos de crítica cultural sobre el Chile de la transición*. Santiago: Cuarto propio.

VATTIMO, Gianni (1986). *El fin de la modernidad-Nihilismo y hermenéutica en la cultura postmoderna*. Barcelona: Gedisa.

\_\_\_\_\_ (1990). *La sociedad transparente*. Barcelona: Paidós.

### 2. SENTIDOS DA TECNICIDADE

#### 2.1. O novo lugar da técnica na sociedade

CASTELLS, Manuel (1997). *La era de la Información*. Vol.1. Madrid: Alianza.

\_\_\_\_\_ (2001). *La galaxia internet*. Madrid: Areté.

CHARTRON, Ghislaine (dir.) (1994). *Pour une nouvelle économie du savoir*. Rennes: Presses Universitaires.

MITCHAN, Carl et al (1989). Filosofía de la tecnología. In: *Revista Anthropos*, Nº 94/95. Barcelona.

VIRILIO, Paul (1989). *La máquina de visión*. Madrid: Cátedra.

\_\_\_\_\_ (1995). *La vitesse de liberation*. Paris: Galilée.

#### 2.2. A técnica: novas figuras da razão

HEIDEGGER, Martin (1997). La pregunta por la técnica. In: *Filosofía, ciencia y técnica*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria.

BRONCANO, Fernando (2000). *Filosofía del cambio tecnológico*. México: Paidós/UNAM.

ELSTER, Jon (2000). *El cambio tecnológico. Investigaciones sobre la racionalidad y la transformación social*. Barcelona: Gedisa.

ESCOBAR, Arturo (1999). El final del salvaje: antropología y nuevas tecnologías. In: *El final del salvaje*. Bogotá: CEREC e ICAN.

GONZALEZ QUIROZ, José Luis (1998). *El porvenir de la razón en la era digital*. Madrid: Síntesis.

- LÉVY, Pierre (1991). *L'ideographie dynamique. Vers une imagination artificielle?*. Paris: La Decouverte.
- \_\_\_\_\_ (1993). *As tecnologias da inteligencia*. São Paulo: Editora 34.
- QUINTANILLA, Miguel Ángel (1988). *Tecnología: un enfoque filosófico*. Madrid: Fundesco.

### 2. 3. Visibilidad social e visibilidad cultural

- BERMAN, Marshall (1988). *Todo lo sólido se desvanece en el aire*. México: Siglo XXI.
- DEBRAY, Régis (1992). *Vida y muerte de la imagen. Historia de la mirada en Occidente*. Barcelona: Paidós.
- HARVEY, David (1989). *The condition of postmodernity. An Enquiry into the origins of cultural Change*. Oxford: Blackwell.
- LA FERLA, Jorge. (comp.) (2000). *De la pantalla al arte transgénico*. Buenos Aires: Libros del Rojas.
- MACHADO, Arlindo (1996). *Máquina e imaginário. O desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: Edusp.
- QUINTERO, Angel G. (1998). *Salsa: sabor y control*. México: Siglo XXI.
- VIRILIO, Paul (1997). *El ciber mundo. La política de lo peor*. Madrid: Colección teorema.

### III. ESTÉTICAS DA EXPERIMENTAÇÃO CRIATIVA

- ADORNO, Theodor (1980). *Teoría estética*. Madrid: Taurus.
- BENJAMIN, Walter (1982). La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica. In: *Discursos interrumpidos I*. Madrid: Taurus.
- ELLUL, James (1980). *L'empire du non-sens. L'art et la société technicienne*. Paris : PUF.
- EWEN, Stuart (1992). *Todas las imágenes del consumismo: la política del estilo en la cultura contemporánea*. México: Grijalbo.
- LAFARGUE, Bernard (comp.) (2002). *Anges et chimères du virtuel*. Pau: Figures de l'art N° 6.
- MACHADO, Arlindo (2000). *El paisaje mediático. Sobre el desafío de las poéticas tecnológicas*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires/Libros del Rojas.
- TOMÁS, Facundo (2002). *Formas artísticas y sociedad de masas. Elementos para una genealogía del gusto en el entresiglo XIX-XX*. Madrid: Machado Libros.
- VATTIMO, Gianni (1989). El arte de la oscilación. In: *La sociedad transparente*. Barcelona: Paidós.
- XIBILLÉ, Jaime (1995). *La situación postmoderna del arte urbano*. Universidad Nacional de Medellín.